



## Editorial

### *Nibo ni iwon lo?*

Sem dúvida, no momento em que me encontro, aqui, à frente da edição da Revista Mal-estar e Sociedade essa pergunta em Iorubá me coloca diante de uma essencial e relevante reflexão. Após um caminho muito árduo de trabalho e parcerias em busca dos requisitos necessários para voltarmos a compor o catálogo de periódicos da Eduemg<sup>1</sup> e a atuarmos no cenário editorial científico, aflora a pergunta: *Nibo ni iwon lo?*

Para onde vai um periódico científico que busca seu protagonismo no campo científico num momento em que estamos como sociedade, nos questionando sobre o universo teórico, metodológico e pedagógico do pensamento eurocêntrico que fundamenta o que entendemos como ciência?

Parto da premissa de que um periódico científico, hoje, precisa, antes de tudo, questionar-se sobre os conceitos e requisitos que o tornam como tal. O que o conceito de divulgação científica que temos e como os requisitos para esse conceito refletem a ciência que desenvolvemos aqui como povos dos Sul<sup>2</sup>?

Em minha perspectiva, nossa responsabilidade consiste, sobretudo, tornar a Mal-estar e Sociedade um espaço científico propulsor do fluxo de diferentes conhecimentos entre os grupos dominados pelas formas de opressão moderna - a saber, capitalismo, colonialismo, patriarcalismo, cientificismo, negacionismo etc - para, desse modo, buscar com maior eficácia o fim da opressão e colonização científicas e por conseguinte sociais.

A hegemonia colonial se apresenta, em meu ponto de vista, por meio de diversas facetas culturais e especialmente no conhecimento de campo científico. O quanto estamos respondendo ao campo e deixando em segundo plano a resposta social que a ciência dos povos subalternos/colonizados tem a dar à sociedade de forma mais ampla?

O que proponho aos parceiros que comigo dividem o sonho da Mal-Estar e Sociedade é buscar estabelecer relações de cisma e desconfiança ao regime de verdade entoado

---

<sup>1</sup> <https://periodicos.uemg.br/>

<sup>2</sup> Conceito cunhado por *Boaventura de Sousa Santos - O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*, de Boaventura de Sousa Santos, publicado pela Editora Autêntica(Belo Horizonte, 2019).

pelos detentores do poder do campo científico e de forma mais amplificada pela devastadora racionalidade ocidental e colonial.

Tendo como pressupostos as discussões propostas pelas teorias que problematizam a descolonização e/ou descolonialidade do pensamento e da educação de forma mais ampla como como Rufino (1987, 2021), Rufino e Simas (2018), Fuli (2022) e Santos (2019), em que pese a ousadia, invoco conceitos, métodos e temas que também dialoguem com esses pressupostos e, ao mesmo tempo, sejam um contraponto (uma ginga, um cruzo) na estrutura do império cognitivo e científico colonizador.

Trago pra cá, para a Revista Mal-estar e Sociedade, o conceito de Rolê Epistemológico, pensado por Rufino (1987) que se inspira nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvio e avanço:

O rolê é ao mesmo tempo o movimento de desvio, de fuga, de ganho de espaço e de montagem de estratégias para a operação de golpes. A lógica do jogo não presume a aniquilação do outro com que se joga, mas permite a sedução, o destronamento, o drible e o golpe. Se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado! Assim, o conceito encarna as manhas do jogo de corpo para praticar no campo dos conhecimentos outras virações que potencializem a prática das frestas (Rufino, 2018).

A noção de Rolê Epistemológico se configura também com a fuga, o giro e a não apreensão no modo de saber por outros que se reivindicam únicos. Quando esse modo colonizador e dominante busca apreender, meu convite é girar se lançando num outro tempo/espaço, possibilitando o jogo da diferença e da negação. Minha proposta é instaurar nosso periódico como o espaço fundamentalmente centrado no rolê.

O jogo contra colonial dos saberes aqui, para nós, vem para afastar o feitiço científico. Segundo Rufino (1987, p. 89), “a lógica do feitiço se inscreve nas dinâmicas das trocas, dos jogos, da sociabilidade, dos medos, das curiosidades, das repulsas, mistificações e seduções”. Entendo, particularmente, a lógica do feitiço como lugar do encantamento e este como a possibilidade de por meio dos rolês científicos repensar a lógica de expansão e dominação colonial. Para que o encantamento possa acontecer é preciso que os sujeitos participantes do rolê consigam estabelecer relações de pertença e empatia e para isso, transgredir os tempos, espaço e campos.

Nesta edição, o rolê traz como possibilidade de experiência tensões e distensões com o feitiço e o encantamento dos saberes. Nos textos, o convite é o de lançar-se com eles na fresta, no lugar da troca:

**Educação e o racismo no Brasil: uma pesquisa com professores/as de Belo Horizonte sobre a luta para a implementação da lei n. 10.639/2003.** Este artigo tem por objetivo problematizar o racismo no Brasil e a luta pela implementação da lei n. 10.639, de 2003, tendo como ponto de desequilíbrio a ginga, o trabalho dos professores de história da Rede Pública do Ensino Estadual. Os professores são capoeiristas por essencial em nosso país.

**Pedagogia crítica Freiriana: reflexões e contribuições na Educação Profissional e Tecnológica.** Já neste artigo, o objetivo é refletir sobre a perspectiva da Pedagogia Crítica no Brasil, representada por Paulo Freire e sua contribuição na Educação Profissional e Tecnológica. O caboclo Paulo Freire lança um pensamento no qual o sujeito rompe a lógica da insubordinação imposta pelo opressor (Rufino, 2021, p. 45).

**Estudos midiáticos: discurso do Jornal Folha de SP e o espaço de promoção dos artistas.** Este texto configura-se como resultado da área da Comunicação Social na Educação Superior, vinculado ao grupo de estudos Prolim-CNPq/UEMG. A ideia dos autores é apontar como os discursos usados no jornal de circulação nacional contribuem para o aumento da migração midiática de artistas, ganhando espaço e alterando o modo social e cultural de simular novos conceitos. Para o discurso midiático que se dá pela sedução, precisamos de exímia atenção e muita ginga e finta.

**As representações pragmáticas científicas das montanhas e morros mineiros nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire no século XIX.** Neste artigo, que se coloca no que entendemos como encruzilhada em nosso rolê, busca-se entender como as montanhas de Minas Gerais eram representadas nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire, escritos no início do século XIX. Busca-se analisar as fontes em busca da percepção do autor sobre as elevações descritas durante sua viagem.

**O ensino de Língua Portuguesa no Brasil e suas relações com o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDP).** Este artigo discute as bases teóricas que orientaram o ensino de língua no Brasil desde a implantação oficial da disciplina de Português, no século XIX, até as concepções atuais de ensino da língua presentes na Base Nacional Comum Curricular. A leitura deste texto nos coloca cara a cara como jogadores na capoeira do contra colonialismo. *Nibo ni iwon lo?*

**Os egressos, o Pibid e as escolas: a formação de professores de Sociologia na UEMG.** O objetivo deste artigo é apresentar uma análise das narrativas de egressos do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) a respeito dos processos de formação que vivenciaram na graduação e sobre os desafios de suas

inserções nas escolas da rede pública de ensino médio. No processo de formação docente, a ideia do encantamento dos sujeitos e matéria-prima nos discursos e nas práticas.

A Resenha de **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**, de Terry Eagleton nos coloca diante da gargalhada de entidades da mitologia Iorubá e nos coloca de novo diante de nossa pergunta que intitula este editorial.

Ao rolê?

Janaína de Assis Rufino